

KVUTZA
SHILVA
BONE
ALHDUT

CADIMA

JULHO - ANO I - Nº 7

KAMUS
5709



HACHARA' - ALIA'

JULHO DE 1949

ATIVIDADES

De fato, as atividades de nossa Kvutzá iniciaram-se há cinco meses. Digo, de fato, porque, nossos chaverim e nossas chaverot, em sua maioria, sendo novos no movimento não puderam, de uma vez, ambientar-se com o mesmo. Não podemos culpar nossos madrichim, de não terem tomado esta ou aquela providência, para o progresso de nossa Kvutza. Os culpados fomos nós mesmos, posto que os madrichim sozinhos nada podem fazer.

Experimentou a nossa Kvutza mudanças várias de madrichim, mudanças estas que em parte prejudicaram o andamento normal de nossa Kvutza. São os fatores acima citados os responsáveis pelo retardamento do nosso progresso.

Entretanto é depois da Machané de Dezembro que se nota a inclinação de alguns chaverim, para o movimento, logo seguida pelos outros chaverim integrantes da nossa Kvutza.

Não distinguiremos aqui as atividades feitas durante este ou aquele madrich; consideraremos apenas nossas atividades uteis e de acordo com o movimento.

A maioria dos chaverim que conseguiram se ambientar com a última machané, já não digo inteiramente, mas em parte, voltaram com um espírito modificado. Pode-se dizer que foi este o maior reflexo que poderia ser infiltrado em nossos sentimentos: Uma sensação artificial da vida que levaremos em ERETZ.

Datam daí as nossas principais realizações, que se resumem em tiulim e sichot. Nesta fase nota-se maior união entre os chaverim, e, conseqüentemente maior progresso.

Entretanto, esta pequena luz, é apagada, pela impossibilidade de nosso madrich, no momento o chaver Abrahão Resenberg (Verdi), de nos orientar, nas horas devidamente acomodadas a todos os nossos chaverim. Na acomodação do horário uns cedem, entretanto outros, por motivos banais permanecem firmes, e... por mais uma vez é a nossa Kvutza seriamente prejudicada.

Vimos, por um momento, tudo desvanecer-se nas, graças ao esferço e boa vontade de nossos chaverim, entramos em acordo com o chaver Abrahão; então, conseguimos nos reorganizar e restabelecemos mais uma vez nossa Kvutza, cujo andamento daqui por diante penso que se revestirá de progresso, levando-nos pelo verdadeiro e único caminho chalutziano: HACHSHARA- ALIA .

COOPERE PELA CONSTRUÇÃO DE UM PALCO NA SEDE DE SNIFF;

C. N. BIALICK

Nasceu em 1873 na Rússia e faleceu em 1934 em Viena.

Bialick foi o maior poeta moderno da língua hebraica. Satírico de incomparável estilo, nele reincarnaram-se o verbo e espírito das Escrituras.

Autor de inúmeras obras, destacam-se:

- "A Bandeira "
- " Os progroms de Kishinew "
- " Versos em prosa "
- "etc....."

HACHSHARA - CAMINHO PARA ERETZ

Seria a hachshara necessária para chegar-se a Eretz?
Olhemos o mundo alguns anos atrás; nós o encontramos em luta e compreende-se também que os judeus lutavam, pois eles estavam espalhados pelo mundo.

Agora temos nossa terra que apesar de pequena é nossa. Ela seria o lar dos poucos que sobraram, pois seis milhões pereceram na Europa. A maioria deles já está em sua pátria e o governo lhes dá o seu apoio, não só pelo que sofreram como por sua utilidade.

Que terá isso a ver com a Hachshara? Nossa terra é pequena e não poderia abrigar todos os judeus do mundo, sendo que a maioria dos judeus europeus já nela se encontram ocupando grande área, praticamente sem proveito algum.

Os judeus da América são mais felizes, têm um lar, pois a América é democrática; aí vivem, estudam, se preparam para uma vida melhor. E daí que devem sair os jovens, com corpos e mentes sãs, para o trabalho produtivo, regido por um espírito chalutziano, erguer bem o alto o nome ERETZ ISRAEL;

Não poderiam jovens da América, que na maioria tem vida calma, ir ajudar os que deles necessitam, sem antes passar por um tipo de vida semelhante á que levarão num Kibutz, onde a vida é unida, não há o egoísmo característico de nossa juventude.

Portanto, para que sigamos preparados para uma vida de construção material e espiritual, é necessário que nos preparemos, fazendo a HACHSHARA, sob pena de voltarmos a ser o povo parasita.

Concluindo; o caminho é um só HACHSHARA-ALIA;

MOCIDADE VAIDOSA NÃO CHEGARÁ JAMAIS À VIRILIDADE ÚTIL

NOSSA KVUTZA

Será que a Kvutza Hachdut é mesmo nossa kvutza?

Foi formado um grupo de jovens, em parte por idealistas em parte por aqueles que vinham em procura de passatempo.

Já tinha a Kvutza três meses, quando nela entrei; mas apesar de sua idade, encontrei seus componentes em grande desunião.

Na sede a cena era a seguinte: dava-se um ATEL rispidos seguido de um riso amarelo, e íamos cada um para o seu canto. Já até o BROR, uma vez por semana como que movidos por uma força. Será que não haveria meio de modificar estes jovens, que agora não são, mas talvez sejam para e pela nossa pátria?

Sim, era possível pois nossa nove madrich, com muita energia fez-nos ver como iam as coisas, e os risinhos e as anedotas nas reuniões foram sendo transformadas em perguntas de assunto.

Muita coisa mudou; já estávamos mais unidos; que tem alguns defeitos, nossa Kvutza, é fato, mas, eles terão de ser abolidos, e que depende unicamente de nós; Então faremos com que a kvutza seja nossa, para que possamos dizer com orgulho e de cabeça levantada, nossa Kvutza é a HACHDUT;

A MARCHA DA CIENCIA É COMO A NOSSA NA PLANÍCIE DO DESERTO? O HORIZONTE SEMPRE FOGE

LEMBRA-TE SEMPRE DE QUE VAIS A ERETZ-ISRAEL,
NÃO PARA PROVAR O TEU HEROISMO,
NÃO PARA SACRIFICAR A TUA VIDA,
-MAS PARA TRABALHAR;

A JUSTIÇA DO DIREITO JUDEU DEVE SER COMPREENDIDA E RECONHECIDA POR TODOS OS POVOS

JULHO DE 1949

"TIUL"

EM um dia pré-fixado, resolvemos ir a Santos, para o que compramos as passagens na véspera.

Ne dia marcado, dos dez chaverim que deveriam tomar partex no tiul, compareceram apenas sete, sendo que os três faltosos não vieram por uma simples falta de responsabilidade.

Partimos sem esses elementos. A viagem decorreu normalmente. Chegando a Santos, depois de termos comprado as passagens para a volta, fomos passear. Alguns chaverim foram nadar enquanto os demais ficaram discutindo um tema ideológico.

Q tempo, já ameaçador quando de nossa partida, foi piorando obrigando-nos a procurar abrigo.

pedimos informações sobre a localização do DROR na vizinha cidade praiana, e conseguimos saber com quem estava a chave da sede que provavelmente estava fechada.

Dois chaverim foram á casa da chaverá Ester, sendo por est e per-sea pai, recebidos como irmãos de sangue juden.

Já em poder das chaves fomos para a séde, onde dansamos, cantamos, até cansar.

Finalmente... almoçamos.

DEpois do almoço, apareceram alguns drosistas da cidade, com os quais trocamos idéias durante certo tempo.

Tivemos ainda uma interessante sicha sobre MOISES, seguida de debates bastante proveitosos.

A tarde conduzidos pelo estimado chaver Bernado, visita a maravilhosa praia do Guarujá, e vá rias localidades da ilha.

Devido ao adiantado da hora voltamos á sede. Jantamos, demos uma volta pelo centro e partimos. A vigem decorreria quasi normalmente, não fora um pequeno incidente, felizmente sem consequencia.

O tiul, embora com tempo desfavoravel, foi muito proveitoso, e pensamos dentro em breve repeti-lo

SO O HEROISMO DOS QUE CHEGAM AO PAIS ? ATRAVES DE MIL SACRIFICIOS,
E DOS QUE CONTINUAM A OBRA CHALUZIANA, APESAR DE TUDO E CONTRA
TUDO- SO ISSO DEVE INSPIRAR O POVO;

A VIDA E A LUTA DE CONSTRUÇÃO E RECONSTRUÇÃO NACIONAL E SOCIAL
SAO REALIZADAS PELAS FORÇAS OPERARIAS E PROGRESSIVAS

A COOPERAÇÃO E A SOLIDARIEDADE INTERNACIONAL SAO AS BASES DO
SOCIALISMO;

MANTENDO SUA FORMAÇÃO ESPIRITUAL, OS JUDEUS NAO SO ASSEGURARAO
SUA PROPRIA SOBREVIVENCIA, COMO TERAO A OPORTUNIDADE DE CONTRI-
BUIRCADA VEZ MAIS PARA O PROGRESSO ESPIRITUAL DA HUMANIDADE;

Einstein

3666666-6666666666

O ANTISSEMITISMO E UMA SOBREVIVENCIA DO PASSADO. ENQUANTO NEN-
HUM MOVIMENTO DE PROGRESSO POUDE ACETA-LO; NENHUMA CORRENTE
DE REAÇÃO POUDE EVITA-LO. O ANTISSEMITISMO E O PROTESTO DO ES-
PIRITO DE ESCRAVIDAO CONTRA O GENIO DA LIBERDADE EM MARCHA.

E. Eberlin

MOISES

Muitos anos viveram os hebreus na Egito. O faraó ficou com medo da revolta dos judeus que estavam em Goishen, e que poderiam tomar a cidade.

Qual seria a solução?

Matar os hebreus?

Mas não haveria mais proveito se eles se tornassem escravos? Sim? e assim tornaram-se os judeus escravos. Construíram uma grande cidade em homenagem ao grande Ramsés II, tendo eles próprios feito os tijolos.

Mas o número de hebreus crescia, e o faraó temeu que dentre os meninos que nasciam dia a dia, surgisse um que mandasse per Deus, libertaria os hebreus da escravidão; mandou que todo o menino que nascesse cesse da aquela data em diante, deveria ser afogado no rio Nilo, e só as meninas deveriam viver.

Jovens mães não se conformaram com o destino de seus filhos recém nascidos, e para salvá-los da morte, escondiam-nos dos soldados egípcios.

Dentre estas mães havia uma que colocou o filho em uma cesta e o pôs na grama à margem do rio.

Quando a filha do faraó foi tomar banho, percebeu a cesta e abrindo-a encontrou uma criança chorando. Compreendeu logo que ela era hebreia, mas tomada de uma repentina piedade quis salvá-la da morte. Mandou chamar dentre as escravas, uma mulher para ser a ama da criança, e essa era justamente a mãe.

O menino recebeu o nome de Moisés, e ficou sob a proteção da família real.

Moisés esteve com sua mãe até aos 9 anos, e esta ensinou-lhe a religião de seu povo. Quando Moisés já era moço percebeu o sofrimento de seus irmãos, com o pesado trabalho da escravidão. Certa vez viu um egípcio batendo num hebreu, e não podendo resistir, temeu a defeza de seu irmão; surra tão forte o egípcio que este caiu morto; com medo de que o faraó o castigasse fugiu para o deserto próximo.

A lenda nos conta que estando Moisés no Monte Sinai viu que uma árvore estava queimando, queimando, e nunca se queimava. E, aproximando-se mais ouviu uma voz que dizia: tire os sapatos pois estás num lugar sagrado. Era Deus que falava pela árvore. Deus disse-lhe também, que tinha ouvido as lamentações de seu povo, e que estava pronto a libertá-lo, e que disse-se ao faraó, para deixar sair seus irmãos pois caso contrário ele seria castigado.

Chegando novamente ao Egito, Moisés contou aos hebreus o que Deus lhe havia dito; com o que estes muito se alegraram. Mas, o faraó, gritando, disse que não consentiria na saída de seus escravos.

Deus vendo-se desobedecido mandou as pragas; e a primeira praga dizia que todos os filhos mais velhos dos egípcios morreriam; e, de fato estavam morrendo (os cientistas afirmam que eram os filhos mais velhos que morriam, porque naquela época graçava uma peste, no Egito, e como eram os filhos mais velhos que saíam mais, eram eles que ...)

O faraó ficou com muito medo pois ele também era o filho mais velho.

Assim conseguiram os hebreus sair do Egito.

Durante o seu refúgio no deserto, estudara Moisés, a possibilidade de se atravessar o mar Vermelho. Estudou ele a maré num determinado local, por onde, na realidade, atravessou com o seu povo.

O faraó, arrependendo-se do que havia feito, mandou seus soldados em busca dos libertos; quando estes chegaram ao mar Vermelho, a maré subiu, sendo que muitos se afogaram.

Os hebreus compreenderam que afinal estavam livres.

Longo tempo peregrinaram no deserto. Quando chegaram ao monte Sinai, Deus fez-se ouvir novamente, por Moisés, e entregou-lhe os 10 mandamentos. Quando Moisés descendo do Sinai viu que o seu povo

JULHO DE 1949

O USO DA GRAVATA

Quando me propus a escrever este pequeno estudo, era partidário absoluto de uso da gravata; para defender o dito uso, resolvi, para maior conhecimento de causa, aprofundar-me na questão, para que não caísse em contradição em qualquer polémica que fosse travada.

Primeiro de tudo, vejamos o significado da palavra: "Lenço, man- ta ou fita que os homens de educação e boa sociedade põem arreda do pes- coço e per cima do colarinho da camisa, atando-o adiante com laço."

Depois um ligeiro histórico: "Não é originária, segundo se cre- do século XVIII; já era, antes, conhecida pelos romanos que serviam nos paizes frios; os séculos correram, e quando a vemos de novo é na corte de Luís XVI-XLV, usada pelos nobres, que a copiaram de um regimento de croatas que servia a este rei (gravate---gravata---). O uso da gravata a- tingiu o apogeu no reinado de Luís Felipe, tendo sobrevivido à revolu- ção. Nos nossos dias observa-se o começo da decadencia da gravata, devid- do à preferência cada vez maior que se dá aos trajes esportivos, que em geral dispensam o uso dela."

Como se ve, a gravata tem uma origem obscura, e não aristocrã- ta ou burguesa.

As razões que me levaram a deixar de ser presérito da gravat- ta, depois das pesquisas que empreendi, são inteiramente extranhas às di- tas pesquisas, mas sim o fato de simplificar o vestuário.

NAO E O ASPECTO EXTERIOR DA ORGANIZACAO, OQUE DETERMINA A SUA IDEOLO:- E A IDEOLOGIA QUE DETERMINA SUA FORMA DE ORGANIZACAO;

MINHAS OPINIOES SOBRE O DROR

Atravesso nesse momento a fase de judia, passando de bur- guesa à ekhutzta.

Devo primeiro dizer, que desde o dia que eu entrei para o DROR, perdi oitenta por cento do meu egoismo.

Gosto do DROR, por ser uma organização, onde todos são i- guals, muito me agrada tambem, a camaradagem que há entre os chaverim, mas, não tenho ainda formada uma idéia sobre a vida de Kvutza, pois, quando eu entrei para o DROR, há quasi dois meses, nós estávamos sem madrich, e, portanto assistí a poucas sichot.

Durante este tempo já fui a dois tiulim: um em S. Bernado, juntamente com o DROR, e um em Santos, onde só foram elementos de nossa Kvutza. Só posso dizer que foram um sucesso, pois de, de cada tiul senti-se que os chaverim voltavam mais unidos.

Antes de entrar para o DROR, falei com chaverim de vários movimentos simnistas, e dentre elas nao sei porque preferí o DROR.

Até agora o DROR tem sido para mim uma maravilha, tem sido o que eu esperava.

Sendo uma organização de grandes empreendimentos (como bem atesta a existencia da HACHSHARA, que nos preparará, para o futuro, produtivizando-nos) está-lhe reservado, um lugar de destaque na colo- nização socialista de um grande e poderoso ESTADO DE ISRAEL;

.....
.....

DROR SIGNIFICA LIBERDADE: NACIONAL E SOCIAL;

.....

D. Ber BOROCHOV

Novo movimento começava a desenvolver-se na Rússia Tzarista, movimento este que visava orientar o povo oprimido a libertar-se de seus opressores. Alguns jovens judeus aderiram a este movimento. Em março de 1881, foi morto pelos revolucionários terroristas, Alexandre II, o Tzar libertador. Com sua morte, subiu ao trono Alexandre III, e com ele estabeleceu-se o regime da "vigilância extrema". A morte de Alexandre II, não levou o povo para a revolução, mas acudiu a outro chamado: "Os judeus assassinaram o Tzar, o papaizinho Tzar, O Libertador". Foi o que bastou para que se comesçassem os programs. Muitos judeus se puseram a caminho de uma nova pátria. Neste mesmo ano, a 21 de Junho, nasceu na cidade ucraniana, Zoletnasha, governo de Poltava, DOV BER BOROCHOV; muito cedo, seu pai, rabi Moshe Aron, professor de hebraico, mudou com sua família para Poltava (capital), onde fez ingressar Dov Ber no colégio do governo. Porém, não se tratou de tarefa fácil, visto ser judeu. Apesar disto, Borochov seguiu inscrever-se. Daí, sua educação judaica foi esquecida. Em 1892, com 11 anos de idade, entrou para o primeiro ano do Colégio, onde continuou até os exames finais. Bacharelou-se em 1896, obtendo o diploma que constituía a ambição de todo judeu da época, porque abria caminho à Universidade. Borochov não demonstrou demasiado interesse pelos estudos perem suas aptitudes sobressalentes, o fizeram um bom aluno, sem deixar de observar perem estudos estranhos ao colégio. A revolução próxima fazia sentir-se até Poltava. Esta cidade não foi arrastada, como acontecia à Rússia no fim do século passado, por um aumento precipitado do Capitalismo, não havendo construção apressada de fábricas e nem concentração de proletariado. Por esta razão, Poltava foi escolhida para servir de exílio a revolucionários. Assim se concentraram em Poltava, representantes da inteligência revolucionária e progressista russa. Eles deram à cidade uma atmosfera de cultura e levaram a juventude para discussões filosóficas e políticas que tinham lugar nos grandes centros. Borochov, ainda muito jovem, antes de terminar o colégio, conhecia filosofia, ética, psicologia, história, sociologia, economia política, etc. No último ano de seus estudos, tornou-se membro da 2ª "ISOLA" (periódico publicado na Suíssa, com a participação de Pléranof, Lenin, Martov, Trotsky). Dava conferências nos círculos estudantis, sobre filosofia e ética, falava sobre Kant, Schopenhauer e outros. Começou a atuar na associação social democrata local. Terminados os estudos, Borochov foi para Ekaterinoslav, para dedicar-se a trabalhos concretos. Ali, dedicou-se à pregação, com o objetivo de ganhar adeptos para o movimento. Sua teoria foi requerida para demonstrar sua capacidade de se impor sobre as massas e orientá-las. Borochov enfrentou em Ekaterinoslav novos problemas que não o preocupavam antes. Não permaneceu aí muito tempo, influido neste por vários fatores psicológicos: O molestavam naquele tempo, a diferença entre sua inclinação para o estudo e meditação e a necessidade de adaptar-se à ação política prática. Borochov não se adaptava facilmente. Também não se conformava com a posição da Democracia Russa em face ao problema judeu. Em seus estudos, Borochov teve por base o problema nacional em sua relação com a obra de redenção ~~xxxxxxxx~~ social, ou seja, a relação entre os interesses nacionais e das classes. Se bem que a educação judaica de Borochov tenha sido frígua, foi influenciado pelas fileitas de "Shoveve Sion", ao qual pertencia também seu pai. Ao iniciar-se o Sionismo político e começar a segunda Aliá, Poltava subministrou a S. Rabinévich, Mordechai Esra-chi e outros, que foram a Eretz Israel e se contaram entre os fundadores da educação hebraica moderna. Essa ligação com Israel e este ambiente, foi para o pequeno Borochov a combinação da realidade viva com o desejo romântico sem igual. Com a idade de 12 anos fugiu de sua casa para ir a Eretz Israel, mas foi encontrado em uma cidade vizinha e devolvido à sua casa. Em 1897, se reuniu na Basileia, o Congresso Sionista. No mesmo ano, se reuniu em Vilne, um grupo de socialistas judeus, proclamando a constituição do "Idisher Arbeter Bund" (União Operária Judaica) que se

ARON DAVID GORDON

Nasceu em 1856, durante a festa da promulgação da Torah, em Troyana, Rússia. Seus antecessores eram de linhagem, eruditos e sábios, versando nas Santas Escrituras. Seu pai ocupava-se única e exclusivamente de estudos. De complexão franzina, resultado talvez de mimos excessivos, foi proibido de estudar até os sete anos; atingida esta idade contrataram um professor instruí-lo. Aos quatorze anos foi enviado para Vilna para que aprendesse a Torah pelos mais famosos mestres.

Passou-se um ano e Gordon voltou a granja onde se comprometeu com sua prima Feiguel, prosseguir durante dois anos os seus estudos com o rabi Herschka.

Aos 17 anos, seguindo sua vocação para línguas aprendeu sucessivamente o hebreu, russo, alemão e o francês.

No ano seguinte foi recusado pelo exército por causa de debilidade física. Mais tarde casou-se indo morar na cidade onde se estabeleceu e restabeleceu definitivamente o seu subconsciente, que mais tarde expressaria em filosofia gordoniana.

Gordon teve 7 filhos dos quais apenas dois sobreviveram. Em fevereiro de 1904 Gordon partiu para Eretz deixando na Rússia sua esposa e filhos juntamente com as poucas centenas de rublos que ainda possuía. Ao chegar na Palestina dirigiu-se a uma das colônias de trabalho, onde em falta de outros desempenhou o cargo de jornalista.

Por volta de 1909 quando dirigia-se para receber sua família que vinha da Rússia, Gordon foi atacado por assassinos árabes ávidos de sangue que cravaram-lhe diversas punhaladas. Porém Gordon sobreviveu e seu sofrimento físico foi embargado pelo sofrimento moral pelo agravo sofrido contra a honra humana e sua integridade física.

Sua esposa morreu 4 semanas mais tarde e sua filha adoeceu. Seu filho abandonara-o muitos anos antes por divergências ideológicas.

Apesar de todos estes sofrimentos Gordon prosseguiu com sua tarefa até que muitos anos depois a morte sob a máscara de um câncer surpreendeu-o na colônia coletivista da Degania. Sem sua tumba encontra-se uma inscrição que, em uma só frase, sintetiza sua fecunda e generosa criação:

"LAVRADOR DO HOMEM E DA NATUREZA".

CULTURA E TUDO QUE A VIDA FAZ EM FUNÇÃO DA VIDA (A. D. GORDON)

HERZL (1860-1904) originariamente correspondente do jornal "Neue Freie Presse" de Paris, tornou-se impressionado pelo antissemitismo; líder do movimento judeu-nacional. De sua primeira obra ("O ESTADO JUDEU") resultou a fundação da ORGANIZAÇÃO SIONISTA MUNDIAL. Herzl foi presidente do 1º Congresso Sionista em Basileia em 1897. Escreveu ainda "Alt-Neuland" (1900) e "Welt" (revista de sionismo, 1897) na formação do movimento sionista. Se distinguiram mais os seguintes personagens: Wolfsohn (1865-1914) sucessor de Herzl como presidente da organização sionista mundial; Sokolow (1861-1937) um dos mais notáveis líderes do movimento sionista e USISEHIN. No seio do movimento sionista desenvolveram-se no interior diversos grupos políticos. A maior influência na Palestina a teve o partido judeu socialista sionista "Peled-Tzion", partido que foi fundado por B. Borochow (nato em 1913) e disseminado quasi sobre todo globo terrestre. O seu líder atual na palestina é David ben Gurion. Ainda deve ser lembrado o Dr. Arlasoroff, assassinado na palestina.

(extraído do livro: "Judeus te Contemplam")

JULHO DE 1949

RIA; ; ; ; ; ? ? ? ? ? ? ? ? senhor capaz

OS CARRADAS

CURIOSIDADE:

- I- Irak
- B- Siria
- R- Reino da Transjordania
- A- Arabia Saudita
- E- Egito
- L- Líbano

SOCIATAS E O ASSASSINO:

Contam que um dia numa rua de Atenas, um homem correu atrás de outro que cometera um crime. O homem passou por Sócrates e gritou-lhe:

--Quem me a prende-lo é um assassino.

--Um assassino, retorquiu o filósofo. Não entendo bem...

--Oh idiota, assassino é um homem que mata.

--Então é um magaref.

--Velho-maluco, é um homem que mata outro.

--Ah bem, um militar com certeza.

--Não, um homem que mata outro em tempo de paz.

--Compreendo agora patricio. É um carraseo.

--Carraseo? Oh, imbecil, um homem que mata outro em sua própria casa.

--Ah bem, custaste tanto a explicar uma coisa tão simples. É médico. O homem deixou-o na rua certo de que falara com um louco.

UM YECK NÓ MEDICO:

--Diga 33, tres vezes

-- 99

NO HOTEL

--Senhor gerente, há um rato em meu quarto.

--garçon, um gato para o 32

NO DROR:

--o plantão--penso que é com o maskir que querem falar ao telefone.

--O maskir--porque é que você pensa ? Não tem certeza ?

--O Plantão--Bem, a voz falou assim: " Alo, quem fala? É voce seu besta.

ENTRE iiiii;

ESTAVAM alguns pedreiros, vindos de...., carregando enormes pedras do pico de uma montanha, para baixo, suando às vias, quando passa um caprão e lhes diz:

--Oceis, bem podiam deixá essas pedrasrolá pela muntanha abaixo, em vez de sugá feitu besta.

--Taim razão, disse um dos pedreiros, e com o auxílio dos outros rosz carregou as pedras de volta para o pico, para depois deixarem-nas rolar....

NO DROR:

A Madriçha, dando uma sichá pará a kvutza, percebe que uns quatro chanichim, não estão prestando atenção. NO fim da sichá-ela pergunta:

--Moisés, porque voce não prestou a enção no ponto que acabei de dar ?

--Eu-? estava, estava, olhando os pés da senhora.

--Va já para o canto de castigo. E voce Samuel porque se distraiu ?

--Eu, eu-? Estava olhando as pernas da senhora.

--Forada s de menino maleriado. E voce Jacozinho...?

--Eu, tinha... tinha olhado os joelhos da senhora.....

--Suspensão do movimento, sem educação.....Onde vai indo voce Bernadinhp.?

---EXPULSO

ח'ד-ל - 01'01'0

1948-1955

ח'ד-ל : ח'ד-ל - ח'ד-ל

11 : ח'ד-ל

1963 : ח'ד-ל

009-001/02189 : ח'ד-ל

9